
COMUNICAÇÃO E SEUS DISPOSITIVOS: OPERACIONALIZAÇÃO DA GENEALOGIA FOUCAULTIANA EM PESQUISAS DE PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS E MINORIAS SOCIAIS

COMMUNICATION AND ITS APPARATUS: OPERATIONALIZATION OF FOUCAULTIAN GENEALOGY IN RESEARCH ON SOCIAL NETWORK PLATFORMS AND SOCIAL MINORITIES

SÉRGIO RODRIGO DA SILVA FERREIRA

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O artigo propõe a aplicação do método genealógico de Michel Foucault ao campo da comunicação especialmente em pesquisas em mídias digitais. Seu objetivo é mapear a constituição mútua de uma racionalidade na condução dos sujeitos na dimensão micropolítica (governamentalidade), dos discursos considerados verdadeiros (veridicção) e dos processos de subjetivação, além dos atravessamentos tecnológicos sobre corpos e práticas digitalizadas. O estudo busca articular complexamente os campos das subjetividades, algoritmização da vida e relações de poder, analisando documentos digitais que produzem efeitos de verdade e os discursos em dispositivos. Argumenta-se que, ao focar nesses aspectos, o problema torna-se comunicacional, pois envolve a análise de dispositivos, discursos, agenciamentos tecnológicos digitais e os impactos dos meios de comunicação na vida e sociabilidades dos sujeitos. A genealogia foucaultiana destaca as restrições e liberdades discursivas de qualquer período histórico, iluminando a historicidade das categorias utilizadas pelos indivíduos para dar sentido às suas vidas. Ela captura como sujeitos e subjetividades são reconhecidos nas categorias do momento, evidenciando suas “linhas de descendência” e “emergências”. O interesse pelo discurso verdadeiro em ambientes digitais, com suas características próprias (audiência invisível, contextos colapsados e a fluidez entre público e privado) orienta a genealogia foucaultiana como metodologia para acessar as condições em que a tecnologia digital molda as relações políticas.

Palavras-chave: comunicação; plataformas de redes sociais; dispositivo; Michel Foucault; metodologia.

Abstract: The article proposes the application of Michel Foucault's genealogical method to the field of communication, especially in research on digital media. Its aim is to map the mutual constitution of a rationality in guiding subjects in the micropolitical dimension (governmentality), of discourses considered true (veridiction), and of processes of subjectivation, as well as the technological intersections on digitized bodies and practices. The study seeks to complexly articulate the fields of subjectivities, algorithmization of life, and power relations, analyzing digital documents that

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

produce truth effects and discourses in devices. It argues that by focusing on these aspects, the issue becomes communicational, involving the analysis of devices, discourses, digital technological arrangements, and the impacts of media on the lives and sociabilities of subjects. Foucauldian genealogy highlights the discursive constraints and freedoms of any historical period, illuminating the historicity of the categories used by individuals to make sense of their lives. It captures how subjects and subjectivities are recognized in the categories of the moment, revealing their "lines of descent" and "emergences." The interest in true discourse in digital environments, with their specific characteristics (invisible audience, collapsed contexts, and fluidity between public and private) guides Foucauldian genealogy as a methodology to access the conditions in which digital technology shapes political relations.

Keywords: communication; social media platforms; apparatus (dispositif); Michel Foucault; methodology.

1 INTRODUÇÃO

Os temas do contemporâneo são marcados por uma complexidade ontológica que apontam para a necessidade de um olhar transdisciplinar sobre eles. Especialmente quando vislumbramos uma sociedade cada vez mais midiaticizada, é quase impossível não tangenciar relações de poder (das intersubjetivas até as globais), tecnológicas e socioambientais, mesmo em objetos bastantes cotidianos. A lógica de rede está imbricada na produção técnica e constituintes de nossas visões de mundo. A grosso modo, muitos dos nossos objetos de pesquisa possuem questões que vão mais ou menos no sentido de compreender os enredamentos entre alguns discursos, algumas tecnologias e algumas relações de poder específicas. É sobre tais objetos que gostaria de desenvolver neste texto.

Quando eu falo “nós”, falo de pesquisadores no campo das Humanidades, mas especialmente do campo da Comunicação Social. No caso dos estudos desse campo, que são inerentemente interdisciplinares, encontrar esse *topos* de diferenciação e de autopertencimento, aquele “algo” que lhe é próprio, sempre foi uma questão que nos moveu enquanto área de produção de saberes. Ao articular teorias, métodos e práticas de campos variados como filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, história, linguística, artes e os saberes técnico-profissionais, o desafio dos pesquisadores em Comunicação, como nos diz Martín-Barbero (2004), é compreender que esses diálogos não significam a dissolução de nossos objetos, mas sim de construção de articulações.

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

Nesse sentido é bastante útil a descrição do campo feita por Roseli Figaro (2015) que afirma que o objeto que o campo comunicação procura desenvolver é:

o processo comunicativo, ou seja, as interações que se dão entre sujeitos históricos e os modos de produção/recepção de técnicas, estéticas e sentidos dessas inter-relações; aí instituídos códigos, linguagens, suportes que os viabilizam bem como os constrangimentos econômicos e políticos de sua estruturação institucional (Figaro, 2015, p. 10).

Ao analisarmos essas interações e estruturas, a perspectiva de Michel Foucault (2023) sobre o poder nos ajuda a ampliar essa compreensão. Foucault muda o foco da análise do poder, ao dizer que o poder não é uma coisa e nem emana de alguém ou de um lugar. O poder é seu próprio exercício e acontece de um em relação ao outro. Desse modo, pensar políticas de comunicação na perspectiva foucaultiana seria a de compreender quais discursos e dispositivos criam as condições para certas relações de poder que possibilitam certos arranjos normativos e legislativos em um determinado contexto histórico, social e territorial. É, além disso, compreender como tais discursos e dispositivos se inserem em uma lógica já estabelecida anteriormente ou surgem como cortes na história.

Governo, para o filósofo francês, é a “arte de exercer o poder na forma e segundo o modelo da economia” (Foucault, 2008, p. 127). Lógica econômica é o que cria a relação e as ações entre as vocações de interdição e de produção na biopolítica (governo dos vivos). Na perspectiva foucaultiana, o poder é menos uma briga entre dois inimigos e mais questão de *governo*. Governar é, nessa perspectiva, estruturar a ação possível dos outros e acontece quando alguém garante a correta disposição das coisas para conduzi-las a um fim adequado.

Um desafio metodológico frequente em se tratando de temas contemporâneos e acontecimentos mediatizados é, portanto, encontrar uma ancoragem metodológica, uma topologia, por meio da qual possamos produzir conhecimento a respeito. Neste sentido, a partir da obra de Michel Foucault, neste artigo, proponho adotar a produção de efeitos de verdade nos discursos e nos dispositivos como ponto de entrada para compreender a sua constituição mútua de modos de controle e/ou condução dos indivíduos e da sociedade e da produção de entendimentos sobre si mesmo dos

sujeitos. Vale destacar que quando falamos de *Sujeito*, falamos de um indivíduo, uma pessoa, possuidor de uma subjetividade, uma peculiaridade que o distingue do Outro.

Este é resultado das reflexões sobre a prática da pesquisa cujo um dos desafios era o de estabelecer um movimento de mediação entre saberes de áreas distintas. Há um crescente interesse em programas de pós-graduação e linhas de pesquisa sobre as interseções entre a comunicação digital e os dispositivos que atravessam nossa vida em sociedade. Tem interessado a estes pesquisadores compreender como os discursos são moldados e transformados pelas dinâmicas das interações humanas e dos fluxos de informação, analisando a construção contínua de dispositivos como produtos de inter-relações políticas, econômicas, culturais e simbólicas. Foi nesse sentido que o método genealógico produziu um local firme para articular sobre tais objetos de pesquisa. O objetivo aqui é, portanto, apontar formas de mapear a constituição mútua de uma racionalidade na condução dos sujeitos na dimensão micropolítica (governamentalidade), dos discursos considerados verdadeiros (veridicção) e dos processos de subjetivação, além dos atravessamentos tecnológicos sobre corpos e práticas digitalizadas, aplicando o método genealógico de Michel Foucault ao campo da Comunicação e sua intersecção às minorias de classe, raça, gênero, sexualidade e outros.

2 CONTEXTO: GOVERNO E BIOPODER

Partindo da ambivalência dos entendimentos e usos do conceito de biopolítica teorizados por Michel Foucault, Laura Bazzicalupo (2017) faz uma longa revisão e mapeamento do conceito na obra do filósofo francês e das apropriações por outros autores. A biopolítica referindo-se ao governo do vivo, do *bíos*, traz à tona a norma dessa vida que por um lado toca na sua normalidade (de “normal”), regularidade, e por outro, na sua produção de normatividade (de “norma”). O conceito conecta saberes biológicos enquanto ciência do vivo com o poder político que se exerce a partir desses saberes. É nos saberes produzidos e corroborados do que é vivo e mais ainda, por extensão, do que é o humano, é que se produz e se assume “uma dimensão normativa legitimante” (p. 10) em cuja definição se baseia a ação política (Bazzicalupo, 2017).

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

A partir da genealogia foucaultiana é que se estabelece uma compreensão profunda do conceito de biopolítica que traz densas renovações para as categorias de *poder* e *norma* (Bazzicalupo, 2017). É na obra de Foucault que a leitura do exercício, da lógica e da prática do poder biopolítico alia os saberes médicos e o poder econômico com a finalidade de estabelecer o governo das populações. Tal leitura volta-se as *verdades* e aos *efeitos de poder* que os saberes – médicos, biológicos, psicológicos, bem como as ciências econômicas e sociais que definirão a verdade sobre a vida e sobre o humano – provocam em processos de subjetivação ao tornar dizível e pensável, e legítimo, algumas coisas e não outras.

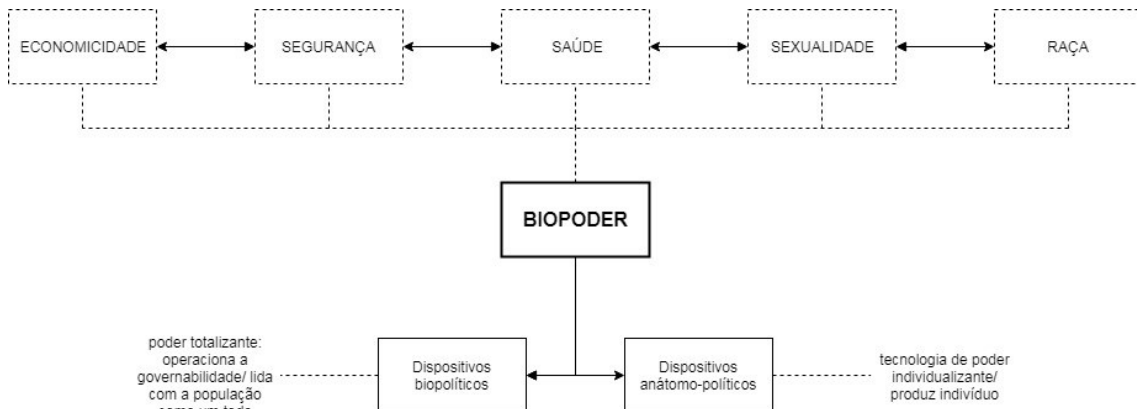
A genealogia fornece as bases para compreendermos a Biopolítica, que proporciona uma virada conceitual e nos instrumentaliza para interpretar exercícios de vivência e de poder. Foucault identificou uma modalidade de relação de poder na qual a vida não é apenas uma extensão do poder, mas “condiciona e é condicionada pelo saber que objetiva governá-la” (Bazzicalupo, 2017, p. 35). Assim, a vida se torna critério e finalidade do exercício do poder, sendo um objeto de valoração que é selecionado e melhorado.

Leon Farhi Neto (2010) reconstrói o desenvolvimento do conceito de biopolítica nos trabalhos de Foucault entre 1974 e 1979. Foucault aborda o atrito entre a política e outros domínios como sexualidade, saúde, guerra, segurança e economia. Nesse período, Foucault desloca o foco de seus estudos dos micropoderes para os macropoderes, analisando não apenas as instituições, mas também o Estado. Ele adota uma abordagem nominalista, ou seja, não universalista, e passa a considerar as relações de poder como relações de governo. Ou seja, Foucault passa a se interessar pelos elementos que formam uma população (Farhi Neto, 2010).

Os indivíduos de uma população são articulados a partir de aspectos de suas vidas, como vigor físico, patrimônio genético, leis do desejo, condição de rebanho ameaçado, natureza probabilística ou realidade econômica. Esses aspectos são utilizados para agenciar os indivíduos por meio de práticas político-discursivas, que atuam tanto na operacionalidade quanto na inteligibilidade de sua existência (Farhi Neto, 2010). Do ponto de vista do Estado e da governabilidade, as políticas públicas são constituídas a partir dessas características gerais.

A operacionalização da governabilidade envolve modos de assujeitamento dos indivíduos. Farhi Neto (2010) identifica diferentes figuras que encarnam a biopolítica: para a saúde, o poder medical; para a raça, o poder purificador; para a sexualidade e a segurança, seus dispositivos específicos; e para a economia, o governo econômico.

O biopoder é a conjunção de dispositivos biopolíticos e anátomo-políticos. Farhi Neto (2010) explica que a “anátomo-política é uma tecnologia de poder individualizante, cujo efeito é o indivíduo, enquanto a biopolítica é uma tecnologia de poder totalizante, cujo efeito é a população” (p.191). Assim, a tecnologia biopolítica visa agir sobre o total de uma população, criando instrumentos “prático-discursivos” que agenciam a vida humana por meio de ações ambientais que condicionam a vida da população, agindo sobre o meio em que os indivíduos estão inseridos, e não diretamente sobre eles. As vidas individuais tornam-se indistintas nas aplicações das tecnologias biopolíticas, transformadas em dados estatísticos. Até comportamentos desviantes são tolerados dentro de certos limites, pois o que importa é “o desenho da



curva estatística, a média, o desvio padrão e a margem de erro da ação” (Farhi Neto, 2010, p.192).

Figura 1 - Mapa conceitual: Os princípios do Biopoder agem sobre a população e o indivíduo. Fonte: próprio autor a partir da leitura de Farhi Neto

A biopolítica se caracteriza por elementos comuns às suas formulações em relação à economicidade, segurança, saúde, sexualidade e raça. Esses elementos fundamentam a lógica da governabilidade e do assujeitamento (Figura 1). A diversidade de uma população é reduzida a um princípio de reunião que reúne singularidades, funcionando como um princípio de inteligibilidade que determina

modos de objetivação e um princípio de operacionalidade que estabelece modos de assujeitamento. Esse processo é intermediado por um meio que causa a situação desse múltiplo.

As formulações biopolíticas fornecem a lógica da governabilidade dos indivíduos de uma população e regulam as diretrizes das tecnologias de assujeitamento. É importante notar que essas formulações não formam um todo coeso e podem aparecer ou não em uma determinada população como mecanismos biopolíticos. Essas cinco formulações resultam da aplicação da mesma tecnologia de poder, que age sobre o meio ambiente de uma população com um entendimento de naturalidade comum a todos os seus indivíduos (Farhi Neto, 2010).

3 MÉTODO GENEALÓGICO E SUA OPERACIONALIDADE

Entendemos genealogia, como dito, aos modos foucaultianos. Em seus últimos trabalhos, no final de 1970 e início da década de 1980, Michel Foucault desenvolveu um método de análise das subjetivações, no qual passou a se dedicar às relações éticas, isto é, formas de como constituir bons modos de viver e agir politicamente. Nesse sentido, Foucault desloca sua perspectiva para as práticas de subjetivação, tomando como objeto de análise a relação e o trabalho do sujeito para consigo mesmo.

Mas o que são práticas de subjetivação? São processos pelos quais um Eu se torna um Eu em todas as suas peculiaridades e características, partindo da premissa de que esse Eu é uma processualidade inacabada e mutante. A subjetivação refere-se ao sujeito que se produz como tal ao se dedicar a pensar e agir sobre si, considerando que esse processo é influenciado pelas relações micropolíticas (governamentalidade) que agem “de fora” sobre ele. O sujeito, portanto, só se constitui dentro de um regime de verdade específico (culturas, práticas, saberes) (Foucault, 2011).

A genealogia coloca em primeiro plano as restrições e as liberdades discursivas de qualquer período histórico, iluminando a historicidade das categorias que os indivíduos usam para dar sentido às suas vidas – como elas são geradas e alteradas. A genealogia foucaultiana captura as maneiras pelas quais os sujeitos e as subjetividades

são reconhecidos nas categorias disponíveis do momento, evidenciando suas “linhas de descendência” e suas “emergências” (Rubin, 2003).

Ao nos interessar pelo discurso considerado verdadeiro em ambiências midiáticas, como plataformas de redes sociais com suas características próprias (audiência invisível, contextos colapsados e a fluidez entre o público e o privado) (Marwick; Boyd, 2011), delineamos a genealogia foucaultiana como uma aposta metodológica para acessar as condições em que a tecnologia digital e a mídia moldam as relações políticas que condicionam essa atitude. Partimos da articulação das práticas de si, da veridicção (o que é tido como verdadeiro) e da governamentalidade – elementos distintos, mas constitutivos uns dos outros –, considerando a verdade sobre si como mecanismo de produção de conformação e resistência nas relações de poder, baseada em discursos articulados em dispositivos.

Façamos o exercício de pensar em alguns possíveis problemas de pesquisa nos estudos de Comunicação Social. Suponhamos que nossa questão seja investigar as implicações de certos discursos midiáticos sobre determinado fenômeno em uma parcela específica da população (estudo de recepção), focando na recepção em um determinado fórum na Internet. Ou, analisemos as condições histórico-políticas de um determinado discurso em um vídeo sensacionalista em uma plataforma de streaming, examinando os enunciados opinativos de um produtor de conteúdo (análise de conteúdo). Ainda, poderíamos estudar como uma subjetividade minoritária específica (de raça, gênero, sexualidade, idade, religião, etc.) se manifesta em uma plataforma de rede social, a partir de entrevistas e produção online dos interlocutores sobre suas experiências (estudo de implicação social). Ou, talvez, analisar as condições de relação de poder que possibilitaram a aprovação de um projeto de lei que regulamenta práticas de comunicação ou modelos de tecnologias adotadas (política da comunicação).

Em todos esses casos hipotéticos, seria plenamente possível operacionalizar uma pesquisa que visasse compreender a articulação entre discurso, relação de poder e subjetividade. Poderíamos, portanto, aplicar a genealogia de Foucault aos nossos problemas de pesquisa da seguinte maneira (Figura 2):

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

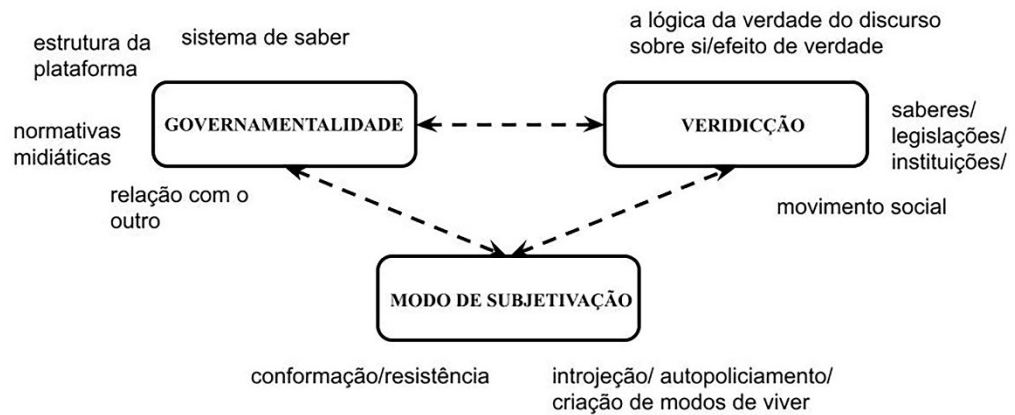


Figura 2 - Estrutura analítica da pesquisa inspirada pelo método genealógico de Foucault. Fonte: autoria própria

É crucial construir o conceito de *efeitos de verdade* e compreender o que eles produzem, especialmente quando atravessados pela tecnologia midiática. Isso não apenas fundamenta teoricamente, mas também oferece um aporte metodológico. Guiados pelo conceito de biopolítica, buscamos evidenciar e articular, a partir de Foucault e de autores influenciados por seus escritos, as coimplicações entre noções de verdade, processos de subjetivação e governamentalidade. Destacamos como os efeitos de verdade são produzidos por meio de discursos que se articulam por dispositivos e agem através da dimensão organizativa da norma. Aqui, entendemos o poder como um verbo, o que me permite enunciar “eu posso”.

Na genealogia de Foucault, o foco da análise são as noções de verdade, implicadas na governamentalidade dos sujeitos e nos processos subjetivos. A genealogia investiga as persistências e discontinuidades em práticas históricas específicas e suas implicações, questionando as verdades contidas nos discursos que as sustentam.

A atenção se volta para o eixo histórico e contingente que produz certos discursos, identificando os saberes e práticas que nos fornecem noções de verdade e produzem efeitos de poder. A genealogia se interessa nas condições de emergência de determinados tipos de dispositivos, tanto dentro quanto fora do poder hegemônico dos saberes legitimados, e como alguns desses dispositivos têm a potencialidade de romper com a estrutura que define o que é verdade.

4 EFEITO DE VERDADE E DISPOSITIVO

Tal jogo múltiplo e complexo entende a vontade de saber dentro do discurso, em sua materialidade e positividade, isto é, o que há dentro dele – coisas, alocações e sujeitos –, por meio de uma analítica que se volta para a concretude de formações discursivas-práticas, nas quais, em sua própria composição material, estão os sistemas de verdade em conflito e coalisão. Aqui “o poder funciona regulando, normalizando, supervisionando, mas também operando diferenciação e resistência” (Bazzicalupo, 2017, p. 37).

Estamos, portanto, em busca da significação socialmente constituída dos discursos e dos dispositivos, e de quais são seus efeitos sobre a vida dos sujeitos em sociedade. Estamos buscando o que é materialmente aquele dispositivo que estamos estudando (um único!): o que é efetivamente a Internet em uma sociedade como a brasileira e como isso aponta para suas políticas de regulamentação? O que é ser negro no Brasil diante do que é dito e produzido imagetivamente em uma plataforma de rede social? O que é uma mulher hoje em uma agência de publicidade, quais são as práticas e discursos *in loco* sobre tais condições de trabalho? É em busca do discurso que sustenta e legitima certas verdades que estão a produzir efeitos políticos que estamos interessados.

Outro exemplo: pessoas transgêneras. O que é materialmente a transgeneridade? É o sujeito que não se sente em conformidade com o gênero que lhe foi atribuído e as normas vigentes a esse gênero? Ou são as tecnologias que permitem que um sujeito faça alterações em seu corpo para se conformar ao gênero que sente ser o seu, como hormônios, próteses, *binders* etc.? Ou é ainda o conhecimento estabelecido sobre ela, são o que os saberes médicos e “psis” determinam enquanto sua característica? Ou seriam as legislações que permitem ou não que alguém tenha autonomia sobre como se nomear, o que fazer com seu corpo ou autoneamar seu gênero? Ou é ainda como a família, a escola, a polícia e o mercado de trabalho sistematicamente violentam e excluem os sujeitos trans? É importante que percebamos duas coisas. A primeira é que a transgeneridade não é o sujeito trans *per si*, nem os atores (humanos e não-humanos) que participam desse jogo, senão sujeitos

e atores se constituindo mutuamente. A segunda, que todos os elementos elencados (o sujeito, a tecnologia, a legislação, as instituições, as relações sociais) cabem em discursos possíveis sobre o que seria transgeneridade, porém sem que nenhum deles dê conta disso isoladamente.

É por tais razões que afirmamos que o discurso se articula em *dispositivos*, o que entendemos como uma rede em que se ligam “um conjunto decididamente heterogêneo que comporta discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, filantrópicas, em suma, no dito e no não dito” (Foucault, 2023, p. 364). Portanto, como no exemplo anterior, transgeneridade é um dispositivo. A pessoa transgênera é o sujeito, a transgeneridade é o dispositivo (discurso + prática + tecnologia).

Além de estabelecer os elementos heterogêneos que compõem essa rede, é importante demarcar a natureza da relação entre eles, o jogo que eles criam evidenciando as mudanças de posições e funções. Também é fundamental entender que essa formação do dispositivo é resultado das condições de um determinado contexto histórico, que visa principalmente responder a uma urgência de seu tempo. Se inicialmente ele surge como um objetivo estratégico, num momento seguinte o jogo engloba um processo duplo de sobredeterminação funcional e preenchimento estratégico.

A sobredeterminação funcional acontece, pois cada efeito dessa formação estabelece relações de ressonância ou contradição com os outros, as quais promovem uma necessidade de rearticulações e reajustes. Quando se abrem lacunas – situações novas em que as práticas já estabelecidas não dão conta –, há um processo de preenchimento estratégico, ou seja, a criação de novas práticas, discursos e tecnologias para dar aquilo que não foi anteriormente previsto. O que importa é que o dispositivo funcione em sua lógica movente interna (Foucault, 2023).

O dispositivo participa de um jogo de poder numa determinada configuração de saber que emerge dele enquanto ao mesmo tempo o condiciona. Os dispositivos foucaultianos são as “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (Foucault, 2023, p. 367). A noção de dispositivo nos ajuda

a entender e se baseia na ideia de que as grandes estratégias de poder têm suas condições de exercício fundamentadas em microrrelações de poder. Eles estão nos processos subjetivos nas minuciosas técnicas de explicitação discursiva do cotidiano, na autoexpressão de si, na autoavaliação, na encruzilhada entre governar e ser governado (Foucault, 2023).

Ao pesquisar utilizando o conceito de dispositivo, temos de nos dar conta de que a relação entre os elementos que compõem um dispositivo supõe mudança de posição e modificação de funções, além de que possamos ser capazes de estabelecer qual é a urgência histórica que ele pretende responder por sua função estratégica ou dominante. Na leitura de Gilles Deleuze (1990), o dispositivo foucaultiano se caracteriza como sendo um conjunto multilinear que é composto por linhas de natureza diferentes, que podem ser divididas em quatro tipos: as de *visibilidade*, as de *enunciação*, as de *força* e as de *subjetivação* (Deleuze, 1990).

Deleuze caracteriza, desse modo, o dispositivo como máquina de fazer ver e falar, indicando que historicamente existem modos de sentir, perceber e dizer que enlaçam coisas e palavras que conformam regiões de visibilidade e campos de dizibilidade. O saber combina os visíveis e os dizíveis de um estrato histórico. É no lugar das linhas de força que está a dimensão do poder-saber e, nas linhas de subjetivação, as fabulações dos modos de existir, no dispositivo: “ela deve se fazer, para que o dispositivo a deixe ou a torne possível” (Deleuze, 1990). O trabalho do pesquisador é desembolar as linhas que compõem o dispositivo, acompanhando seus efeitos (Kastrup; Barros, 2015). Assim, ao concebermos as plataformas de rede social nas suas práticas de subjetivação, procuramos extrair sua função de dispositivo que propicia certos agenciamentos que revelam a potência de fazer falar, fazer ver e estabelecer relações.

O foco da análise foucaultiana, na sua vocação empírica e imanentista-materialista, traz a concretude da difusão, da disseminação, da contingência, das dinâmicas de inversão das práticas sociais. Os dispositivos assim vistos em seus aspectos de positividade, de que coisas, sujeitos e discursos estão a agir, nos permite ver que a distribuição desses elementos no espaço não é neutra, pois a dimensão organizativa da norma os arranja por papéis e hierarquias de sujeitos e funções

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

(Bazzicalupo, 2017). Esse enfoque prioriza “a concreção, a materialidade das técnicas e do objeto, ao qual se aplicam” (p. 37) o dispositivo. Os corpos, sejam eles físicos ou digitais, estão sendo operacionalizados por relações de poder que estão investindo sobre eles, marcando-os, adestrando-os, obrigando-os ao trabalho e às cerimônias, exigindo-lhes que se imputem signos (Foucault, 2014).

A preocupação do método genealógico é depreender da utilização do dispositivo sua eficácia, sua potência afirmativa, o que significa que ele possui um poder gerador, especialmente se for um discurso com pretensão de verdade. Entende-se que discurso age sempre afirmando, nunca negando. Ele está sempre “produzindo e constituindo campos de objetos” sobre os quais se dispõem afirmações, “constitui universos morais e veritativos que (in)formam (dão forma) às subjetivações, à forma como sujeitos se veem, se avaliam e querem ser” (Bazzicalupo, 2017, p. 38) e são.

Para Foucault (2023), a verdade é o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribuem efeitos específicos de poder. Desse modo *não importa se o que o discurso mobiliza é verdadeiro ou não, se é simétrico com fatos e acontecimentos verificáveis, mas como ele se organiza e quais elementos ele evoca para produzir efeitos de verdade*. Desse modo, a verdade na perspectiva foucaultiana só existe quando se trata do poder que se articula em regimes próprios em cada sociedade (Foucault, 2023).

Enunciados, sejam eles técnicos, políticos, religiosos, sexuais etc., podem ser analisados a partir dos efeitos de poder que percorrem por dentro deles, qual regime de poder lhes dá suporte, ao atentarmos para como e por que em alguns momentos ele modifica. Desse modo, o jogo enunciativo é apresentado como regime discursivo com seus próprios efeitos de poder. Porém, ao surgir a dicotomia entre aquilo que é pensável, estrutural e aquilo que é da ordem do acontecimento, aquilo que foge ao jogo analítico e a sua mecânica, é que certas análises do campo puramente semiótico não resolvem. É assim que Foucault propõe que a análise foque na relação de poder; nessa prerrogativa sua metodologia não diz respeito ao modelo da “língua e dos signos”, mas ao da batalha; é “belicosa e não linguística”, em suma, “relação de poder, não relação de sentido” (Foucault, 2023, p. 41). Ao constatar que a história não tem sentido, Foucault nos dirá que ela só é inteligível ao ser analisada pelo viés das lutas,

das estratégias e das táticas e que nem a dialética, nem a semiótica dão conta do sentido dos confrontos (2023).

5 VERDADE, PODER E SUJEIÇÃO

Temos, portanto, que a genealogia foucaultiana tenta apreender a constituição do sujeito, bem como dos saberes, dos discursos, das tecnologias em relação aos dispositivos historicamente. Ela articula como se produzem efeitos de verdade no interior dos discursos, independentemente se são em si verdadeiros ou não. Isso reforça uma análise que quer mais entender como o dispositivo se articula em suas lógicas internas, que são de relações de poder, e é justamente aqui que a genealogia evidencia sua potência (especialmente em tempos de pós-verdade). Importa como o efeito de verdade (e não a verdade) produz efeitos de poder: é por alguma verdade que agimos, produzimos coisas, valorizamos algumas coisas em detrimento de outras, gozamos e (re)produzimos discursos. Isso é fundamental para compreendermos a mecânica dos procedimentos que induzem à norma, que nos assujeitam e mesmo onde se produz resistência, pois é pelo efeito de verdade produzindo efeitos de poder de modo contínuo, adaptável e individualizado pelo corpo social que o poder induz a processos de subjetivação (Foucault, 2023).

É assim que esse modo de análise também concebe um modo de funcionamento social, em que efeitos de verdade e poder têm uma relação íntima, coestruturantes, em que a verdade só existe no e pelo poder, produzida por coerções, e seus efeitos são regulamentados pelo poder. É característico de cada sociedade ter uma política geral da verdade, denominado *regime de verdade*: é ele que acolhe determinados tipos de discurso e os faz funcionar como discursos verdadeiros (os discursos sobre o gênero, por exemplo).

É esse regime que estabelece mecanismos e instâncias de distinção e sanção do verdadeiro e do falso, que valoriza determinadas técnicas e procedimentos para se ter acesso à verdade e estabelecer o estatuto daqueles que podem evidenciar o funcionamento do verdadeiro. Em suma, a verdade é produzida “graças a múltiplas coerções e (...) produz efeitos regulamentados de poder” (Foucault, 2023, p. 52).

Pela economia política, a verdade baseada em discursos científicos e institucionais é incitada pela lógica econômica e política, circulando de diversas formas nos aparelhos de comunicação e educação. É justamente por dar suporte ao poder que há uma disputa em torno da verdade, pelo papel econômico-político que desempenha (Foucault, 2023).

A genealogia como prática investigativa busca os modos como coimplicam a “verdade-objetividade” de saberes institucionalizados e avalizados, e as subjetividades, partindo da premissa de que a “verdade com efeitos de poder é afirmativa, positiva e produtiva” (Bazzicalupo, 2017, p. 39). É preciso assim admitir que:

poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de ‘poder-saber’ não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas (FOUCAULT, 2014, p. 31).

A distinção entre consenso e resistência desses sujeitos que dizem-a-verdade-sobre-si fica confusa por eles serem atravessados pela verdade que os produz, por serem os mesmos que são assujeitados pelas suas lógicas e por seus dispositivos. Assim também, as resistências a essas verdades coimplicam os poderes ao qual elas se contrapõem num jogo de embate e reforço. O dispositivo traz em si a imanência do poder e da resistência e estrutura a desigualdade de relações entre eles por conta de e para as verdades objetivas (Bazzicalupo, 2017).

É nesse sentido que Foucault nos dirá que as verdades objetivas são “uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável” (Foucault, 1988, p. 95). O autor vai de encontro ao entendimento de que haveria um discurso admitido/dominante e um outro excluído/dominado, mas que efetivamente há uma multiplicidade de elementos discursivos que taticamente são utilizados em distintas estratégias (Foucault, 1988). Foucault ainda destaca que esse sistema de saber/poder na perspectiva do corpo está transpassando tanto aqueles corpos que são depositários do poder bem como aqueles que são modelados por esse mesmo poder.

6 RESISTÊNCIA OU BIOPOLÍTICA AFIRMATIVA

A consciência do próprio corpo é adquirida a partir do investimento que o poder faz sobre os corpos por meio do desejo, repulsa a ele, ao imputar necessidades de um corpo atlético, musculoso, saudável, desnudado e dentro de padrões de beleza por meio de um trabalho insistente e meticuloso realizado por meio da norma e da disciplina. Ao mesmo tempo, tal investimento cria no sujeito a possibilidade de reivindicar o próprio corpo contra o poder por meio de seus próprios dispositivos.

Ao penetrar nossos corpos, o poder também se expõe. Ao vigiar e controlar nossos corpos, o poder – que não emana de lugar nenhum, se estabelece na própria relação – produz e intensifica o desejo por ele em nós, o desejo de ter poder sobre ele. Nesse jogo de poder (vigilância/controle de um lado e autorreivindicação do outro), há um reinvestimento do poder sobre o corpo que possui uma outra forma que não é mais o do controle-repressão, mas o do controle-estímulo (Foucault, 2023). Readvertindo: o poder age criando. Cada movimento de reivindicação equivale a um novo movimento de (re)captura, (re)inserção. Importante: não há fora da relação de poder.

A materialidade do poder produz na fabricação de desejo e pelo saber. A potência do poder está justamente no fato de este encarnar nos nossos desejos e criar efeitos positivos neles. Se fosse apenas um poder repressor, censor, excludente, se só produzisse recalque, ele seria muito frágil. O mesmo equivale para os saberes; o poder não impede os saberes, ele os produz (Foucault, 2023). Essa dimensão produtiva do poder é muito útil, pois nos ajuda a entender que os aparelhos do Estado, em primeiro lugar, não são o poder, e também de que por si só eles têm pouco efeito sobre o corpo social se ele não o atinge em seu nível mais molecular, no cotidiano e na vida de cada sujeito. É na disposição de suas “peças” que compõem o desejo e o saber (Foucault, 2023).

Pensar as relações de poder conectadas ao conceito de biopolítica nos faz dar conta da intrínseca produtividade de vida que o poder possui e da capacidade que

discursos de verdade têm de produzir vidas concretas, subjetivações, por processos de sujeição a tais discursos.

A sujeição é, literalmente, o *fazer-se* de um sujeito, o princípio de regulação conforme o qual se formula ou se produz um sujeito. Se trata de um tipo de poder que não só *atua* unilateralmente *sobre* um indivíduo determinado como forma de dominação, mas que também *ativa* ou forma o sujeito. Do ponto de vista da sujeição, não é simplesmente a dominação do sujeito nem sua produção, mas o que designa certa restrição *na* produção, uma restrição sem a qual não pode ter lugar a produção do sujeito (Butler, 2001, p. 96, tradução nossa, destaques da autora).

Temos assim um conceito de poder para além de seu entendimento jurídico/penalista e da sua relação com os aparelhos do Estado; um conceito que lida com sua eficácia produtiva e sua capacidade de gerar ação, agindo por meio da *técnica*, da *normalização* e do *controle* (Foucault, 1988). O foco é, assim, a operacionalização do poder em sua “multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e se constituem sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte” (p. 88).

A biopolítica afirmativa, conforme reinterpretada por autores como Antônio Negri e Michel Hardt (2005) e Donna Haraway (2009), vê na relação de poder entre os sujeitos uma potência múltipla e heterogênea do ser vivente. Essa potência é produtiva, atuante, criativa e resistente no embate com o biopoder que os sujeita. A potência dos sujeitos está em relação direta aos dispositivos de poder que os governam, sendo coextensiva e intrínseca a eles, formando parte do processo de subjetivação. Não há um “fora”; todos os sujeitos estão implicados nas relações de poder de uma população. Foucault se concentra nos efeitos de poder das verdades sobre o humano e a natureza. Compreendemos que o biopoder investe na produção e exploração da potência do vivo, inclusive através de tecnologias de manipulação genética, como o código do vivo.

Para Negri e Hardt (2005), o biopoder permite o crescimento da vida para poder utilizá-la. Eles adotam o aspecto produtivo do poder como em Foucault, mas acrescentam a visão da vida como devir, potência e vir-a-ser. É nesse ponto entre o virtual e o atual que a vida recebe o investimento do biopoder, produzindo um efeito constitutivo. Na fase neoliberal, os dispositivos do biopoder reativam a incorporação

do poder pelos indivíduos, que compõem o corpo social desenvolvendo suas virtualidades, onde ocorre a produção do cultural e do social.

O biopoder assume o corpo social, incorporando qualquer forma de vida por meio de seus mecanismos produtivos. Nesse período, o poder global se torna um poder transnacional produtor de vida, criando o próprio mundo que habita e dominando a natureza humana. Esse poder age através de dispositivos disciplinares, incluindo os meios de comunicação e aparelhos de segurança, radicalizando-se naquilo que Deleuze chama de Sociedade do Controle (1992). Nessa sociedade, os dispositivos são incorporados pelos sujeitos que os reproduzem em suas vidas, permitindo ao biopoder atuar na conformação dos corpos e psiques, potencializado pelas máquinas que organizam esse processo. Para Negri e Hardt, a libertação do corpo social do biopoder neoliberal é composta por indivíduos que se autopromovem.

A materialidade da produção social constitui subjetividades enquanto produção cognitiva relacional. Muitas das atuais formas de trabalho produtivo, cada vez mais imateriais e potencializadas pelas tecnologias da informação e comunicação, baseiam-se nessa materialidade. Essas formas de trabalho remetem à biopolítica de Foucault, valorizando a dimensão afetiva, imaginativa e relacional. É justamente por essas características que se abrem para a insubordinação e a revolta, constituindo vidas afirmativas e autoconstituintes na relação de poder. Para Negri, essas vidas e subjetividades devem se constituir não como mistura ou híbrido, mas como uma artificialidade, um artifício político coerente (Bazzicalupo, 2017).

7 CONCLUSÃO

A análise transdisciplinar dos temas contemporâneos revela a complexa interação entre discursos, tecnologias e poder. Na Comunicação Social, essa abordagem é crucial para entender as dinâmicas de produção subjetiva, moldadas pelas interações humanas e fluxos de informação. Utilizando o método genealógico de Michel Foucault, podemos desvendar como essas interações configuram modos de controle e produzem subjetividade.

A interseção entre comunicação e dispositivos que subjugam parcelas minorizadas da população oferece um campo fértil para explorar as articulações

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

políticas, econômicas, culturais e simbólicas que constroem e reconstróem os espaços sociais. Foucault ao explorar as interações entre saberes constituídos a partir do *bios* e do poder político, constrói a noção de biopoder que emerge como uma tecnologia que atua sobre populações e sujeitos, operando através de normatizações que condicionam suas vidas. Os conceitos alinhavados aqui apontam como essa governabilidade se expressa em territórios como saúde, raça, economia e segurança, onde os sujeitos, transformados em dados na contemporaneidade, são regulados por dispositivos biopolíticos que visam o controle e a otimização da vida por máquinas algorítmicas. Assim, a biopolítica se revela como uma chave interpretativa importante para entender os mecanismos contemporâneos de poder que moldam o corpo social.

Neste artigo procuramos apontar maneiras de acessar a afetação dos sujeitos com as tecnologias e discursos midiáticos que os têm inserido numa economia de vigilância em que somos instigados a participar de um processo de midiatização e datificação de nossas vidas. Com a modernidade, a crescente produção de necessidade da dispositivos midiáticos, dos analógicos a implantação da dinâmica do *Big Data* (em que os ações comunicativas podem ser coletadas, analisadas, quantificadas e posteriormente criar instrumentos que modulem nosso comportamento a fim de produzir lucro a empresas transnacionais), apontar a relação da produção de discursos legitimados como verdadeiros para construção de relações de poder por meio de dispositivos, é também compreender minimamente a contemporaneidade.

Destacamos a importância de entender os meios de comunicação não só como suporte para as interações ou veículo de informação, mas também como condução dos sujeitos, como espaço de convivência, conversação e de relação de poder, como um plano em que atua por uma série de instituições, de relações econômicas e de políticas de regulamentação, não só do conteúdo, como também de governança estrutural da rede e do discurso numa perspectiva tanto transnacional, quanto subjetiva.

Neste trabalho, ainda, o poder que atua sobre e pela vida (o biopoder) torna-se possível de ser analisado também em suas aparições dentro dos discursos dos próprios sujeitos de interlocução e as evidências de suas relações a ele, inclusive influenciado pelo meio. Por outro lado, destacamos a importância de investigar de que modo tais

perspectivas criam relações de poder no polo da resistência a essas perspectivas, e de que modo essa política encarna nos corpos em processos de subjetivação.

A biopolítica, explorada por Foucault e outros autores contemporâneos, oferece uma visão ampla sobre as interseções entre poder, saber e vida, regulando não apenas indivíduos, mas também normatizando a vida coletiva. Essas práticas políticas moldam as condições de existência e estruturam as políticas públicas na contemporaneidade.

A metodologia genealógica de Foucault proporciona um arcabouço possível para investigar as dinâmicas entre saber, poder e subjetividade na Comunicação Social. Ao explorar a historicidade das categorias de verdade e os regimes de poder que as sustentam, podemos compreender melhor as práticas de subjetivação e os processos governamentais contemporâneos.

A análise dos dispositivos discursivos e das práticas sociais revela como verdades são constituídas e reguladas pelo poder, convidando à investigação das estratégias que sustentam esses discursos e práticas. Isso não apenas expõe a materialidade dos elementos envolvidos, mas também destaca a importância de compreender as mudanças dentro dessas formações complexas.

A biopolítica afirmativa destaca a capacidade de resistência e autodeterminação dos seres vivos frente às estruturas de poder contemporâneas. Essa perspectiva vai além do biopoder ao situar a criação de novas formas de subjetividade autônomas e coletivas dentro do panorama globalizado e tecnológico. Essa análise sugere que as formas contemporâneas de subjetivação são moldadas pela interação constante entre os indivíduos e os dispositivos de informação e comunicação, desafiando as estruturas tradicionais de poder e propondo caminhos para resistência e transformação.

REFERÊNCIAS

BAZZICALUPO, Laura. **Biopolítica**: um mapa conceitual. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**: teorías sobre la subjetivación. Madrid: Universitat de Valencia, 2001.

Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais | Ferreira

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles. ¿Qué es un dispositivo? **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

Disponível em:

http://www.kaleidoscopio.com.ar/fs_files/user_img/Problematiza_Filosofica/9-2_DELEUZE-Que es un dispositivo en M F.pdf. Acesso em: 16 Mai. 2019.

FARHI NETO, Leon. **Biopolíticas: as formulações de Foucault**. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

FIGARO, Roseli. Introdução. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II - Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: Vontade de Saber. Vol. 1. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: Curso no Collège de France: 1977-1978. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 76–91.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARWICK, Alice E.; BOYD, danah. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. **New Media & Society**, vol. 13, no. 1, p. 114–133, 7 Feb. 2011. DOI 10.1177/1461444810365313. Disponível em:

<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444810365313>. Acesso em: 1 Mar. 2020.

RUBIN, Henry. **Self-made men**: Identity and embodiment among transsexual men. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003.

SOBRE O AUTOR

Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira

Professor Adjunto no Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba (DEMID/UFPB). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (POSCOM/UFBA). Estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, com bolsa Capes.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6898076743592293>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9899-4378>

E-mail: sergiorodrigosf@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. Comunicação e seus dispositivos: operacionalização da genealogia foucaultiana em pesquisas de plataformas de redes sociais e minorias sociais. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n.3. Especial. p. 60-81, nov, 2024.

RECEBIDO EM: 12/03/2022

ACEITO EM: 27/09/2022

PUBLICADO EM: 31/10/2022

81



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional